

2

A INFLUÊNCIA DO GENOMA NAS EMOÇÕES E TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS

▶ **Dariani Buzo Nobre**

*Mestranda em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Pampa-
UNIPAMPA*

 <https://orcid.org/0009-0005-3118-0790>

▶ **Luan Cruz Barreto**

*Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-
UESB*

 <https://orcid.org/0009-0007-8653-1572>

▶ **Nedson sombra Gemaque**

Graduado em Enfermagem pela Universidade da Amazônia-Unama

 <https://orcid.org/0009-0004-1219-2940>

▶ **Daniel Wesley Teodoro Santos**

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário Estácio do Pantanal - FAPAN

 <https://orcid.org/0009-0006-0315-4234>

▶ **Alexandre Maslinkiewicz**

*Especialização em Vigilância e Cuidado em Saúde no Enfrentamento da COVID-19 e
outras Doenças pela Universidade Federal do Piauí*

 <https://orcid.org/0000-0001-9722-8383>

▶ **Glêcia Carvalho Santana**

Residência em urgência e emergência pela UFC

▶ **Diego Oliveira Brito**

Residência em Psiquiatria pela Universidade Estadual de Montes Claros

 <https://orcid.org/0009-0005-1338-8088>

▶ **Pamela Nascimento Simoa da Silva**

Mestra em biociências pela FACAPE (Faculdade de Petrolina-PE)

 <https://orcid.org/0000-0001-5881-0469>

► **Samantha Ravena Dias Gomes**

Mestra em Psicologia pela UFDPar

 <https://orcid.org/0000-0002-5889-4241>

► **Karoline Brizola de Souza**

Doutoranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG

 <https://orcid.org/0000-0003-1555-683X>

RESUMO

INTRODUÇÃO: O avanço das ciências genômicas tem proporcionado novas compreensões sobre os fatores biológicos que regulam as emoções humanas e contribuem para o surgimento de transtornos psiquiátricos. A identificação de variantes genéticas relacionadas ao funcionamento cerebral tem ampliado o entendimento sobre a origem multifatorial das doenças mentais, revelando que fatores genéticos, epigenéticos e ambientais interagem de forma complexa para modular o comportamento e a saúde mental. **OBJETIVO:** Reunir e analisar criticamente a produção científica disponível sobre a influência do genoma nas emoções e nos transtornos psiquiátricos. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa, baseada em estudos publicados entre 2018 e 2025, nas bases SciELO, PubMed, Google Acadêmico, LILACS e BVS. Foram incluídos artigos gratuitos em português, inglês e espanhol, que abordassem a relação entre genoma, emoções e saúde mental. A seleção se deu em três etapas: títulos, resumos e leitura integral. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foram incluídos 08 estudos que abordaram temas como metilação do DNA, influência de polimorfismos genéticos nos transtornos depressivos, bipolares, TDAH, esquizofrenia e psicopatia. Evidenciou-se a importância de mecanismos epigenéticos como reguladores da expressão gênica diante de estressores ambientais. Neuroimagem e farmacogenômica emergem como ferramentas promissoras para diagnósticos e tratamentos personalizados. Estudos também apontaram desafios éticos e limitações metodológicas nas pesquisas genéticas em psiquiatria. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a influência do genoma nos processos emocionais e psiquiátricos é multifatorial e complexa, exigindo abordagens interdisciplinares que considerem fatores biológicos e psicossociais. A genética contribui para uma psiquiatria mais humanizada, ética e baseada em evidências, embora ainda haja necessidade de novos estudos com maior representatividade populacional.

PALAVRAS-CHAVES: Emoções; Epigenética; Genoma Humano; Saúde Mental; Transtornos Psiquiátricos.

2

THE INFLUENCE OF THE
GENOME ON EMOTIONS AND
PSYCHIATRIC DISORDERS

ABSTRACT

INTRODUCTION: Advances in genomic science have provided new insights into the biological factors that regulate human emotions and contribute to the emergence of psychiatric disorders. The identification of genetic variants related to brain function has expanded our understanding of the multifactorial origin of mental illnesses, revealing that genetic, epigenetic, and environmental factors interact in a complex way to modulate behavior and mental health. **OBJECTIVE:** To gather and critically analyze the available scientific literature on the influence of the genome on emotions and psychiatric disorders. **METHODOLOGY:** This is a narrative review of the literature, with a qualitative approach, based on studies published between 2018 and 2025, in SciELO, PubMed, Google Scholar, LILACS, and BVS databases. Free articles in Portuguese, English, and Spanish that addressed the relationship between genome, emotions, and mental health were included. The selection took place in three stages: titles, abstracts, and full reading. **RESULTS AND DISCUSSION:** Eight studies were included that addressed topics such as DNA methylation and the influence of genetic polymorphisms on depressive and bipolar disorders, ADHD, schizophrenia, and psychopathy. The importance of epigenetic mechanisms as regulators of gene expression in the face of environmental stressors was highlighted. Neuroimaging and pharmacogenomics emerge as promising tools for personalized diagnosis and treatment. Studies also pointed out ethical challenges and methodological limitations in genetic research in psychiatry. **FINAL CONSIDERATIONS:** It is concluded that the influence of the genome on emotional and psychiatric processes is multifactorial and complex, requiring interdisciplinary approaches that consider biological and psychosocial factors. Genetics contributes to a more humanized, ethical, and evidence-based psychiatry, although there is still a need for new studies with greater population representation.

INTRODUÇÃO

O progresso da genética nas últimas décadas tem possibilitado uma compreensão cada vez mais aprofundada da relação entre o genoma humano e aspectos essenciais do comportamento e da saúde mental. A neurogenética, ao integrar saberes da biologia molecular e das ciências do comportamento, tem demonstrado que os genes não apenas estruturam o cérebro, mas também modulam emoções, funções cognitivas e a suscetibilidade a transtornos psiquiátricos (Dahmer *et al.*, 2024).

Embora fatores ambientais e sociais exerçam uma forte influência sobre as emoções humanas, é inegável a existência de substratos biológicos complexos que fundamentam tais respostas. Estruturas como a amígdala, o hipocampo e o córtex pré-frontal, responsáveis pela regulação emocional, são geneticamente influenciadas desde o desenvolvimento embrionário até a fase adulta. Essa variabilidade genética ajuda a explicitar as diferentes maneiras pelas quais cada indivíduo processa e reage emocionalmente aos estímulos (Fortes *et al.*, 2024).

Segundo Caspi *et al.* (2025), os genes como o SLC6A4, relacionado à recaptação da serotonina, e o BDNF, implicado na plasticidade neuronal, têm sido fundamentais para elucidar os mecanismos genéticos subjacentes aos transtornos mentais. Tais descobertas reforçam que distúrbios psiquiátricos e emoções não são fenômenos meramente subjetivos, mas estão intimamente ancorados na biologia humana. Além disso, pesquisas com gêmeos e famílias corroboram a hipótese da hereditariedade em doenças psiquiátricas ao evidenciar uma maior concordância desses transtornos em gêmeos monozigóticos. Contudo, é imprescindível destacar que os genes não atuam de maneira isolada. Fatores ambientais e epigenéticos modulam a expressão gênica ao longo da vida, interferindo diretamente no risco de desenvolvimento de distúrbios mentais (Fortes *et al.*, 2024).

Nesse contexto, a epigenética se configura como uma ponte entre o biológico e o experiencial. Situações como traumas, estresse crônico, hábitos alimentares inadequados e exposição a substâncias tóxicas podem modificar a expressão gênica sem alterar a sequência do DNA. Essas alterações epigenéticas auxiliam na compreensão de por que indivíduos com idêntica predisposição genética podem ou não desenvolver um transtorno mental (Silva, 2024). A integração entre genômica e neuroimagem tem revelado como variantes genéticas influenciam tanto a estrutura quanto o funcionamento cerebral, contribuindo para novas abordagens diagnósticas e terapêuticas. Por exemplo, mudanças no gene COMT, envolvido na degradação da dopamina, impactam diretamente a regulação emocional e a tomada de decisões (Dahmer *et al.*, 2024).

Apesar desses avanços significativos, ainda é desafiador identificar marcadores genéticos específicos para os transtornos psiquiátricos. A natureza multifatorial dessas doenças, que envolve múltiplos genes com efeitos pequenos e suas interações com o ambiente, demanda estudos populacionais abrangentes e métodos sofisticados para se alcançar conclusões clinicamente aplicáveis (Negreiros *et al.*, 2024). Outro campo promissor é a farmacogenômica, que investiga como variações genéticas influenciam as respostas aos medicamentos. Diferenças genéticas na metabolização de psicofármacos explicam a eficácia variável de

efeitos colaterais observados entre pacientes, ressaltando a importância de uma abordagem personalizada na psiquiatria (Bónora *et al.*, 2025).

Além das implicações clínicas mencionadas, o conhecimento genético pode auxiliar no combate ao estigma associado às doenças mentais. Ao demonstrar sua base biológica, é possível desmistificar concepções ultrapassadas, promovendo maior empatia, compreensão e inclusão nas políticas públicas voltadas à saúde mental (Negreiros *et al.*, 2024). Projetos como o Genoma Humano e o ENCODE têm impulsionado as pesquisas em genômica ao permitir a identificação de loci relacionados a comportamentos e sintomas emocionais. Esses avanços têm aberto novas fronteiras na genética comportamental com potencial para intervenções cada vez mais precisas (Anbalagan, 2024).

Entretanto, é fundamental que o uso do genoma na psiquiatria considere suas implicações éticas. Questões referentes à privacidade genética, consentimento informado e risco de discriminação demandam regulamentação cuidadosa e uma abordagem ética na aplicação de testes genéticos em contextos clínicos e forenses (Dantas; Kölling; Andrade, 2022). A influência genética também abrange traços não patológicos como personalidade e inteligência emocional. Pesquisas têm identificado relações entre determinados polimorfismos e características como empatia, impulsividade e resiliência, evidenciando que a genética desempenha um papel na formação do temperamento desde os primeiros estágios da vida (Morais *et al.*, 2022).

Ademais, investigações recentes têm explorado o papel do DNA mitocondrial nas emoções. Alterações mitocondriais podem impactar a produção de energia no cérebro, comprometendo funções cognitivas e emocionais e possivelmente contribuindo para quadros como depressão e transtorno bipolar (Mateus, 2022). Diante desse panorama, este estudo visa reunir e analisar criticamente a produção científica existente sobre a influência do genoma nas emoções e nos transtornos psiquiátricos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa, que tem como finalidade reunir e analisar criticamente a produção científica disponível sobre a influência do genoma nas emoções e nos transtornos psiquiátricos. Este tipo de revisão foi escolhido por permitir uma análise ampla, reflexiva e integrativa da produção científica sobre o tema, favorecendo a construção de uma síntese teórica a partir de múltiplas perspectivas e abordagens metodológicas.

A coleta de dados foi realizada abrangendo os bancos de dados PubMed, SciELO, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e LILACS. Foram utilizados os seguintes descritores, isolados ou combinados com o operador booleano AND: “Genoma Humano”, “Emoções”, “Transtornos Psiquiátricos”, “Epigenética”, “Saúde Mental”, conforme os Descritores em Ciências da Saúde (*DeCS/MeSH*). Buscou-se incluir artigos em português, inglês e espanhol.

Foram adotados como critérios de inclusão: artigos publicados entre 2018 e 2025, disponíveis gratuitamente e que apresentassem dados relevantes sobre a influência do genoma nas emoções e/ou em

transtornos psiquiátricos, tanto em estudos clínicos quanto experimentais. Incluíram-se também revisões sistemáticas e estudos observacionais que abordassem de forma significativa a contribuição genética para a saúde mental.

Foram excluídos: editoriais, resumos de congressos, duplicações e artigos que não apresentavam relação direta com o tema, como aqueles voltados exclusivamente para doenças neurodegenerativas sem ênfase no componente emocional ou psiquiátrico. Também foram desconsiderados estudos com limitações metodológicas explícitas, conforme os critérios de qualidade adotados para a triagem.

O processo de seleção dos artigos se deu em três etapas: leitura dos títulos, leitura dos resumos e, por fim, leitura integral dos textos selecionados. Os dados extraídos foram organizados em fichamentos contendo informações sobre autores, ano de publicação, objetivos, metodologia empregada, principais achados e conclusões. A análise seguiu uma abordagem temática, agrupando os estudos de acordo com os principais genes investigados, tipos de transtornos abordados e implicações clínicas discutidas.

Esta revisão não envolveu a participação direta de seres humanos, portanto, não se fez necessário submeter o projeto a comitê de ética em pesquisa, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. No entanto, respeitou-se o rigor científico e a integridade acadêmica durante todo o processo de elaboração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de seleção resultou na inclusão de 08 artigos na análise final, após a triagem de 108 registros iniciais nas bases PubMed, SciELO, Google Acadêmico, BVS e LILACS. A seleção foi realizada seguindo as etapas de leitura de títulos, resumos e leitura completa, com a exclusão de estudos que apresentavam duplicidade, desconexão com o tema ou fragilidade metodológica. Os artigos selecionados abordam diversas perspectivas sobre a relação entre o genoma, a regulação emocional e os transtornos psiquiátricos, com ênfase em epigenética, genética comportamental e neuroimagem.

A epigenética destacou-se como um campo relevante nos estudos analisados. Kular e Kular (2018) enfatizam o potencial dos mecanismos epigenéticos como metilação do DNA e modificações em histonas, para explicar como experiências adversas moldam a expressão gênica sem alterar a sequência do DNA. A autora sublinha que essas alterações são influenciáveis, estáveis e, em certa medida, reversíveis, constituindo um elo entre fatores ambientais e vulnerabilidade genética aos transtornos mentais.

O trabalho de Pizzolatto (2023) reforça essa perspectiva ao demonstrar como a metilação do DNA pode contribuir para a manifestação do Transtorno Depressivo Maior (TDM), mesmo em indivíduos sem mutações gênicas identificáveis. A autora destaca os mecanismos de remodelação da cromatina como centrais na disfunção da expressão gênica, impactando diretamente o humor e a cognição. Nesse contexto, a epigenética não apenas revela mecanismos moleculares, mas também apresenta inovações diagnósticas.

Complementando essa abordagem, Marques (2024) explora a inter-relação entre o Fator Neurotrófico Derivado do Cérebro (BDNF), sono e depressão. Sua revisão sistemática indica níveis reduzidos de BDNF em indivíduos deprimidos e sugere que polimorfismos no gene BDNF influenciam tanto a qualidade do sono quanto a gravidade dos sintomas. O estudo contribui para a compreensão de como variantes genéticas interferem em biomarcadores cerebrais relevantes para diagnóstico e prognóstico da depressão.

No domínio da genética comportamental, Leonardo (2021) investiga genes como MAOA, 5-HTT, OXT e OXTR em relação à psicopatia. A autora argumenta que polimorfismos nesses genes influenciam comportamentos antissociais e agressividade, sugerindo que a predisposição genética pode ser exacerbada por fatores como negligência na infância. Ao confrontar esses dados com os resultados de Kular (2018), evidencia-se que a epigenética modula a expressão desses genes em resposta ao ambiente, ressaltando a importância da plasticidade gênica.

Outro estudo relevante é o realizado por Brito *et al.* (2024), que analisa alterações epigenéticas associadas ao transtorno bipolar em indivíduos que experienciaram traumas na infância. Genes reguladores da resposta ao estresse, tais como FKBP5 e NR3C1, apresentaram alterações epigenéticas em pacientes com histórico de trauma, sugerindo que a infância desempenha um papel crítico na programação epigenética cerebral. A comparação com os achados de Leonardo (2021) revela uma sobreposição de mecanismos entre diferentes transtornos, como bipolaridade e psicopatia.

O estudo de Tavares (2024) amplia essa perspectiva ao analisar a relação entre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), substância branca cerebral e comprimento telomérico. Utilizando dados de neuroimagem e genômica, a autora demonstrou que variantes genéticas associadas ao envelhecimento celular influenciam a conectividade cerebral em crianças com TDAH, revelando uma conexão entre genética, neurodesenvolvimento e sintomas comportamentais.

Lima (2024) contribui com uma revisão sobre o transtorno bipolar e alterações do sono, destacando os genes CLOCK e PER3 associados à regulação do ritmo circadiano. A evidência de que variantes genéticas nesses genes afetam o cronotipo e a resposta emocional dos pacientes ressalta a relevância da genética na modulação do ciclo sono-vigília. Isso se alinha aos achados de Marques (2024), que também correlaciona sono, genética e saúde mental.

O estudo realizado por Mendes *et al.* (2024) sobre esquizofrenia reforça o papel da genética ao indicar que a hereditariedade é um fator importante na predisposição ao transtorno. A revisão destaca a complexidade da etiologia da esquizofrenia, envolvendo múltiplos genes de pequeno efeito. A análise crítica dos autores sugere que os fatores genéticos devem ser interpretados à luz das influências ambientais, dialogando assim com as propostas epigenéticas apresentadas por Kular e outros autores.

Em outro trabalho relevante, Marques (2023) enfatiza a relação entre depressão, sono e biomarcadores neurobiológicos como o BDNF, reforçando a ideia de que variações genéticas afetam o metabolismo cerebral e a regulação emocional. A autora propõe investigar o polimorfismo Val66Met como um possível marcador

para diagnóstico precoce e estratificação de risco, corroborando os achados de Pizzolatto (2023) sobre epigenética e expressão gênica.

Os achados apresentados por Lima (2024), ao analisar o TDAH, enfatizam as interações entre variantes genéticas e traços da substância branca cerebral que afetam atenção e controle inibitório. O autor argumenta que a genética do neurodesenvolvimento influencia diretamente o comportamento e sugere intervenções precoces para modificar trajetórias cognitivas e emocionais em populações vulneráveis. A análise integrada desses estudos possibilita concluir que não existe um único gene responsável pelos transtornos psiquiátricos; pelo contrário, há uma rede complexa de interações entre múltiplos genes e fatores ambientais. Essa evidência reforça um modelo multifatorial integrativo no qual genética, epigenética e fatores ambientais interagem para moldar tanto o risco quanto a manifestação dos transtornos mentais.

Adicionalmente, os dados analisados demonstram a importância da neuroimagem como ferramenta complementar aos estudos genéticos; ela permite visualizar as influências genômicas em estruturas cerebrais específicas. Isso possibilita intervenções mais direcionadas e eficazes no contexto do diagnóstico preciso dos distúrbios psiquiátricos (Leonardo, 2021). Do ponto de vista clínico, os estudos indicam uma necessidade premente pela individualização do tratamento considerando o perfil genético dos pacientes. A farmacogenômica surge como uma abordagem promissora para aumentar não apenas a eficácia dos psicofármacos mas também minimizar efeitos adversos conforme indicado por Pizzolatto (2023) e Kular (2018).

Outro aspecto significativo emergente da análise desses artigos refere-se ao potencial impacto das descobertas nas políticas públicas relacionadas à saúde mental. A compreensão das bases genéticas dos transtornos pode contribuir significativamente para desestigmatizar essas condições bem como ampliar acesso à diagnósticos baseados em evidências. Entretanto, é fundamental reconhecer que muitos estudos apresentam limitações metodológicas tais como amostras reduzidas, heterogeneidade populacional e falta de dados longitudinais; isso dificulta generalizações dos resultados obtidos e reforça necessidade urgente por novas pesquisas conduzidas com elevado rigor científico (Lima, 2024; Leonardo, 2021).

Quanto às implicações éticas levantadas pelos autores devem ser considerados os riscos associados à genotipagem nos contextos clínicos e forenses; assim sendo, proteção da privacidade genética e uso responsável desses dados são temas recorrentes nos debates atuais sobre medicina personalizada devendo ser amplamente discutidos entre pesquisadores, clínicos e legisladores. Em síntese, as investigações analisadas apontam para uma convergência entre genética, epigenética, neurobiologia e psicologia fornecendo bases sólidas para construção de psiquiatria mais humanizada, científica e eficaz. É importante ressaltar que genética não determina destino, mas sim constitui um dos fatores integrados juntamente ambiente e vivências moldam saúde mental humana.

Este estudo teve como objetivo reunir e analisar criticamente a produção científica disponível sobre a influência do genoma nas emoções e nos transtornos psiquiátricos, com o intuito de compreender os principais achados genéticos relacionados às doenças mentais, suas interações com fatores ambientais e as implicações clínicas, éticas e sociais dessas descobertas. A partir da análise de 08 estudos selecionados segundo critérios rigorosos de inclusão e exclusão, foi possível traçar um panorama atualizado e integrativo sobre a complexa relação entre genética e saúde mental.

Os resultados evidenciam que, embora não exista um único gene responsável por esses transtornos, múltiplos genes de pequeno efeito, combinados com fatores ambientais e epigenéticos, exercem um papel determinante na expressão emocional e na vulnerabilidade psiquiátrica. Destaca-se a relevância dos mecanismos epigenéticos, como metilação do DNA, modificações em histonas e ação de RNAs não codificantes enquanto mediadores entre as experiências de vida e a expressão gênica, configurando um modelo dinâmico e adaptativo de risco e proteção.

Ademais, a integração entre genética, neuroimagem e biomarcadores como o BDNF tem proporcionado novas ferramentas para o diagnóstico precoce e para a compreensão de vias moleculares específicas envolvidas na regulação do comportamento, do humor e da cognição. Estudos focalizados em farmacogenômica também têm revelado caminhos promissores para a personalização do tratamento psiquiátrico, ao considerar o perfil genético individual de cada paciente.

Entretanto, persistem desafios significativos, como a necessidade de amostras mais representativas, maior padronização metodológica e aprofundamento nos aspectos éticos relacionados ao uso de dados genéticos. Apesar disso, os avanços já observados reforçam a relevância da genética como uma ferramenta complementar na promoção de uma psiquiatria mais humanizada, eficaz e baseada em evidências. Portanto, conclui-se que a influência do genoma nas emoções e nos transtornos psiquiátricos é expressiva e multifacetada, demandando uma abordagem interdisciplinar e integrativa que considere tanto os determinantes biológicos quanto os contextos psicossociais. Investir em pesquisas genéticas e epigenéticas é essencial para ampliar o conhecimento, reduzir o estigma e aprimorar o cuidado em saúde mental de maneira mais equitativa e personalizada.

REFERÊNCIAS

ANBALAGAN, Siddharth. Genética e epigenética em saúde mental. **Revista Internacional de Doenças Neuropsiquiátricas**, [S. l.], v. 21, n. 6, p. 1–18, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.9734/indj/2024/v21i6451>.

BONÓRA, Radauã Luiz *et al.* Mutação do gene MTHFR e doenças psiquiátricas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 25, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e19312.2025>.

BRITO, Dandhara de Carvalho Montalvão; SOUZA, Gustavo Reis Branco de; SANTOS FILHO, Moezio Vasconcellos Costa. Alterações epigenéticas associadas ao Transtorno Bipolar decorrente de traumas na

infância. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 5, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n5-319>.

CASPI, Avshalom *et al.* Influência das variações genéticas na eficácia do tratamento de transtornos de personalidade. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 90–99, 2025. DOI: 10.36557/2674-8169.2025v7n4p90-99. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/5567>.

DANTAS, Larissa Elizabeth Cordeiro; KÄLLING, Gabrielle Jacobi; ANDRADE, Gernardes Silva. Proteção de dados genéticos: repercussões jurídicas e éticas na ausência de legislação não discriminatória no campo das seguradoras. **Revista Jurídica (FURB)**, [S. l.], v. 26, p. e10127, 2022. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/juridica/article/view/10127>.

DAHMER, Emanuela Quesinski *et al.* Avanços em genética forense: aplicações no estudo de Transtornos psiquiátricos. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 10, p. e75176, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n10-134. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/75176>.

FORTES, Rozinete de Oliveira Tavares *et al.* A influência dos fatores genéticos nos transtornos psiquiátricos. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 887–896, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n2p887-896.

KULAR, Lara; KULAR, Sônia. Epigenética aplicada à psiquiatria: oportunidades clínicas e desafios futuros. **Psychiatry and Clinical Neurosciences**, [S. l.], 2 jan. 2018. Artigo de revisão. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pcn.12634>.

LEAL, Maria Eduarda Campos; AZEVEDO, Christianne Terra de Oliveira. Diagnóstico precoce e intervenção na depressão infantil pós-trauma como estratégia de prevenção da depressão em adultos. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, [S. l.], v. 24, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reamed.e15216.2024>.

LEONARDO, Ana Karoline Rodrigues de Araujo. A contribuição da genética comportamental na psicopatia. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biomedicina). **Centro Universitário de Brasília**, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15472>.

LIMA, Diogo Von Gaevernitz. Transtorno de humor bipolar e alterações do sono. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psiquiatria). **Hospital de Clínicas de Porto Alegre**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/288623>.

MORAIS, Giovana Moreira de *et al.* A influência de fatores ambientais e genéticos na manifestação do transtorno dissocial. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 67, p. 1–13, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.26432/1809-3019.2022.67.007>.

MARQUES, Aline Rocha. Explorando a relação entre transtorno depressivo, sono e fator neurotrófico derivado do cérebro: uma revisão integrativa. 2024. Monografia (Especialização em Neurociências e suas Fronteiras). Instituto de Ciências Biológicas, **Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/80028>.

MENDES, Beatriz Reichmann *et al.* Esquizofrenia: uma revisão sobre os fatores genéticos e ambientais na etiologia, fisiopatologia e inovações no tratamento. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 9, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n9-029>.

NEGREIROS, Marcelus Motta *et al.* Determinantes genéticos e ambientais dos transtornos mentais. **Periódicos Brasil**. Pesquisa Científica, Macapá, Brasil, v. 3, n. 1, p. 222–231, 2024. DOI: 10.36557/pbpc.v3i1.33. Disponível em: <https://periodicosbrasil.emnuvens.com.br/revista/article/view/33>.

PAULA, Camila da Costa *et al.* Transtornos psiquiátricos com manifestações cutâneas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 4091–4111, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n11p4091-4111>.

PIZZOLATTO, Lara Franco. Genética e depressão: fatores epigenéticos que modulam a incidência do transtorno depressivo maior. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas – Modalidade Médica). Escola de Ciências Médicas e da Vida, **Pontifícia Universidade Católica de Goiás**, Goiânia. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/7862>.

SILVA, Amanda Peixoto. Epigenética, transtornos mentais e psicoterapia. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 5, p. 2164–2182, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n5p2164-2182. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/2216>.

TAVARES, Maria Eduarda de Araújo. Marcadores do neurodesenvolvimento: o papel da genômica, substância branca e comprimento telomérico no TDAH. 2024. Tese (Doutorado em Genética e Biologia Molecular). Instituto de Biociências, **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/289691>.

